

memórias para José

Yasmeen Cunha¹

Escrito torto, com linhas certas

Quis Deus – por artimanha – que eu nascesse com um defeito:
Lembrar demais.
Ou talvez achar que lembro demais.
Me colocou na vida daquele que
em 1962
Veio ao mundo com o nome de seu pai –
Por karma –
Mas cheio de amor de sua mãe.
Durante a infância, morou na Liberdade,
numa rua Rio de Janeiro.
Parece que predestinado a migrar.
Da Paraíba, num vai e volta danado,
parou em Goiânia.
Se a história foi assim, eu não sei.
Mas eu lembro que foi.

*

No início, era o ponto

Como que por método de organização,
a vida se transforma em linha reta horizontal.
O começo é um ponto no infinito da linha.
O meu começo foi um ponto na linha da vida
dos trinta e dois anos de meu pai.
Ali, no ponto da linha dos vinte e cinco anos de minha mãe,
iniciei meu trajeto.
Menina com nome de personagem de novela,
em homenagem à tragédia,
já nasci uma decepção:
chutava muito, era para ser jogador de futebol.
Dado os prós e contras,
Eis-me aqui: um ponto dentre tantos outros.

¹ Yasmeen nasceu em Campina Grande, mas, a contragosto, foi para Goiânia aos 6 anos. Cresceu paraibana em Goiás e goiana na Paraíba. cursou Letras – Licenciatura em português na Universidade Federal de Goiás (UFG). É mestra em Letras e Linguística (UFG), com área de concentração em Estudos Literários, e doutoranda na mesma área e mesma instituição. Atuou como professora de Redação e Literatura na educação básica e já ministrou módulos de Teoria Literária, Literatura Brasileira, entre outros, em cursos de graduação em Letras na rede de ensino privado.

*

Rua 79

No meio do furacão
Naquela casa de portão azul,
banheiro minúsculo e chão vermelho,
entre as grades que me separavam de meu pai,
de quando a gente só tinha em comum
umas pedras de gelo e um litro de leite,
eis que chega seu Zé com um mói de caixa:
“É a coleção da enciclopédia Barsa. Comprei dum colega meu”.
Se é que eu me lembro, da última vez que a frase
“Comprei dum colega meu” foi dita
o que ocorreu:
Uma geladeira velha, sem porta,
cuja gambiarra posterior foi uma corda
– na época pareceu um cadarço –
que juntava a porta ao seu local destinado.
Mas eu já estava crescida.
Não sabia o que era uma enciclopédia, vi que eram livros.
Foi então que eu percebi que os colegas também podem ser bons.

*

Problemas de semântica

Existe um meio termo entre
pai e papai.
Painho é o entrelugar,
É chamar de pai
Quando se quer dizer papai.
É aquele momento em que
palavra e coisa se fundem.
Naquela cidade –
cujo nome devia indicar “gente estimada” –
as pessoas não conseguiam ver.
Talvez por isso zombassem?

*

A esquina

Lá do lado do bar do seu Amâncio,
numa portinha velha sem graça,
tinha um costureiro que fazia o colete de meu pai.
Um colete preto, de garçom, com dois bolsos.
Neles meu pai escondia balinhas –
às vezes eu e duas de minha geração pegávamos.
Era aventura, porque era escondido,

mas no fim ele sabia, porque é bom com números.
Também é bom de lembrança.
Os genes...
ácido desoxirribonucleico,
ou simplesmente DNA.
Deus não dá um fardo maior
do que se possa carregar.

*

Prestação de serviço

No enorme guarda-roupa que ocupava metade do barracão
um espaço era reservado para os sapatos de meu pai.
Eu mexia nas coisas escondido,
tinha um quê daquele povo que morava comigo
eu não entendia.
Bem no fundo tinha uma sacola:
Graxa, escova de dente velha e outra escova grande que não era de dente.
Daí um dia eu fiquei olhando...
A escova de dente velha era para pegar a graxa,
passar no sapato.
A outra escova passava depois da graxa
para sumir com as marcas dos dentes no sapato.
Eu já tinha aprendido, mas falei:
Painho, me ensina?
Dali por diante eu engraxa, uma, duas vezes por dia,
antes de ele chegar em casa.
Até que teve um dia, eu podia jurar de pé junto:
Lá na Paraíba, no centro de CG, um homem engraxou
o sapato de meu pai,
numa cadeira, no meio da rua.
Se é verdade eu não sei, porque também não dá para lembrar de tudo.

*

Interurbano

Lá no bar do seu Amâncio também tinha um orelhão.
Em quatro de abril de mil novecentos e setenta e dois
ele foi criado para que minha avó,
lá da Paraíba,
pudesse falar em quarenta créditos
uns oito minutos.
Em Goiânia, Goiás,
tinha uma coisa boa:
um lugar no Centro cheio de orelhão.
Painho levava a gente lá às vezes.
Eu pegava meu cartão imaginário,
ia numa cabine privada, com um só orelhão,

ligava para a primeira de minha geração,
ela respondia da outra cabine,
e assim se passava.
Como que para marcar o local exato no tempo,
tínhamos – ou temos – uma coleção de cartões.
Eu gosto da série dos planetas, porque me ensinaram sobre Júpiter.
Ninguém mais se lembra daquele orelhão.
Nem dos cartões.

*

Ofício de saqueadora

Painho juntava muita coisa, menos moeda.
Houve várias tentativas, vários cofres:
eu lembro de um, de quando virei ladra.
Tinha formato de botijão de gás.
Aconteceu, como acontece na vida, de eu precisar de moedas.
Eu inventava muito...
Todo mundo dizia: tu inventa muito.
Já que todo mundo sabia, pois então que esse fosse o caso.
Por intuição e por associação,
vi que a faca tinha quase a mesma espessura do buraco
por onde a moeda era enclausurada.
Virei o cofre de cabeça pra baixo e apunhalei o pobre objeto.
A frustração veio quando moedas de cinco e dez centavos
caíram com facilidade.
Só que eu precisava das de cinquenta centavos e um real.
Não demorou muito até que eu atingisse meu objetivo.
A surpresa veio depois, quando painho disse:
Tu tira umas pra mim?

*

Sapato 37

Teve um dia que painho virou pra mim e disse:
Filhona, você sabe quem foi Emiliano Zapata?
Painho tinha essas coisas...
Outro dia falou de um tal Che. Falava assim:
Che. Ernesto Che Guevara.
Parecia que de tanto ficar calado, uma hora,
deixava escapar que existia alguém ali.
Eu ficava olhando, esperando algo interessante.
Cantou com força,
com a voz mais desafinada e despreocupada:
Por que cargas d'águas você acha que
tem o direito
de afogar tudo aquilo
que eu

sinto em meu peito?
Zapata... Che... Raul. Ele dizia Raulzito.
Fui aprendendo. Mas painho é muito difícil.

*

Exílio

De todos os tempos que eu vivi, uma coisa ficou:
eu coleciono mistérios.
Vem uma dúvida na minha cabeça aí eu penso:
um dia eu descubro.
Até que no dia que eu descubro,
valeu a pena seguir por caminhos desconhecidos.
Como que mistérios, tem lembrança que não desvendo,
porque é o desenrolar do tempo que vai me dizer.
Tem horas que é assim mesmo, disperso,
pois eu também sei ser ensimesmada.
Aprendi com meu pai e com a geração de meu pai.
É verdade, com o tempo, a gente vê melhor.
E ser pra mim não é mais a condição de existir
por aqueles que existem
mas sobrar por todos os cantos,
já que eu existo em todos eles.
Campina Grande, Paraíba, Goiânia, Goiás.
Expatriada e também predestinada a migrar.
Assim como meu pai.